



SEVERINO RODRIGUES é mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Participa ativamente de bienais e feiras literárias, além de ministrar oficinas e visitar escolas. Entre outros prêmios, ganhou o concurso Leia Comigo!, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o Selo Seleção da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio e o troféu de Melhor Texto Juvenil, oferecido pela Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ). Suas experiências, prática e vivência em sala de aula inspiraram a criação de *No caminho contaremos nossos sonhos*.

- * serodrigues.08@gmail.com
- * www.severinorodrigues.com
- * facebook.com/serodrigues.08
- * instagram.com/serodrigues.08

Sumário

Pular sumário [»»]

Bia

Pietro

Yasmin

Luca

Bia

Pietro

Yasmin

Luca

Bia

Pietro

Yasmin

Luca

Bia

Pietro

Yasmin

Luca

Bia

Pietro

Yasmin

Luca

Bia

Pietro

Yasmin

Luca

Bia

Pietro

Yasmin

Luca

Bia

Pietro

Yasmin

Luca

Bia

Yasmin

Pietro

Luca

Pietro

Luca

Bia

Yasmin

“Em tempo algum teve um tranquilo curso o verdadeiro amor.”

Sonho de uma noite de verão

“Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo.”

Romeu e Julieta

“O ciúme é um monstro que se gera em si mesmo e de si
nasce.”

Otelo, o mouro de Veneza

“Que palavras de amor gerem atos de amor.”

Rei Lear

BIA

Confusa.

É assim que me sinto em relação ao futuro. Ao meu futuro.

Mas, talvez, eu não devesse começar esta história desse jeito. As pessoas preferem saber logo quem está contando, o que faz e o motivo do drama. Então, vamos lá! Prazer, meu nome é Ana Beatriz, mais conhecida como Bia, tenho quinze anos e sou representante do 1º ano A da Escola Estadual Nelson Rodrigues. Não tenho amigos. Pelo menos, essa é a sensação que tenho hoje. Ou desde sempre. E provavelmente para sempre.

De verdade, não sou legal. A prova é que vivo recebendo elogios. A melhor aluna da classe. A filha que todo professor gostaria de ter. O exemplo a ser seguido. Ou seja, sou chata. Mas não queria ser nada disso. Não queria ser a melhor ou a diferente. Muito menos que meus colegas de sala só me procurassem tão atenciosos na véspera das provas de Matemática, Química e Física. Queria ser cheia de defeitos, meio alienada, até mesmo o mau exemplo da turma. Parar de pensar tanto e agir com raiva também.

Foi por isso que fiz o que fiz.

Minha cabeça está tão cheia que não consigo nem contar esta história direito, em ordem. Mas vou tentar. Vamos lá de

novo!

Hoje, cheguei cedo na escola, fui para a sala e lá fiquei revisando alguns cálculos para a prova de Matemática. Depois chegaram Toni, Karol e Maria Cecília. Juntos. Eles perguntaram se eu tinha estudado muito. Respondi que mais ou menos, embora tivesse passado o final de semana todo com a cara enfiada nos livros. Os três tinham dúvidas sobre uma das questões que poderia cair na prova, e lá fui eu feito besta mostrar como se fazia.

— Ah, agora entendi — foi Toni quem disse.

Nessa hora, o professor José Carlos entrou. Então, cada um tomou a sua cadeira.

— Ordem alfabética decrescente! — comandou o professor.

José Carlos sempre fazia isso. Quando achávamos que ia ordenar a turma em ordem alfabética, ele fazia o contrário. E se, por acaso, um dos alunos que gostavam — ou precisavam — ficar na última cadeira da fila, por motivos óbvios, já se encaminhasse para lá, o professor dava um jeito de conduzir sutilmente o possível espertinho para a primeira cadeira da fila seguinte. A desculpa era a mesma: alegava que as cadeiras já estavam muito apertadas. Na verdade, o motivo era outro: evitar colas, provas coletivas. Essas coisas que o pessoal é especialista em fazer. Menos eu, é claro.

Depois desse trabalho todo para organizar a turma, uns dez minutos perdidos no mínimo, José Carlos finalmente entregou a prova. Papel ainda quentinho, cópias recém-tiradas; entretanto, apenas nove questões dessa vez. Estranhei. Eram sempre dez. A última era um cálculo idêntico ao que eu tinha

acabado de ensinar para Toni, Karol e Maria Cecília. Foi a primeira questão que fiz. Garanti logo dois pontos, que era o que ela estava valendo. Mas nenhum obrigado.

Sei que não se deve esperar nada em troca de um favor, mas eu queria pelo menos um “muito obrigado” quando saísse da prova. Os três sempre conversavam depois das avaliações, comparando as respostas, no banquinho do corredor das turmas do primeiro ano. Porém, quando saí da sala, eles não estavam ali. Nem um “obrigado” sem o “muito”. Nem um simples “valeu”. Nada. Eles não me esperaram. Toni, Karol e Maria Cecília não me esperavam mais.

— Opa!

Pietro segurou meus ombros. Quase esbarrei nele de tão dispersa que estava.

— Desculpa — pedi.

— Bem distraída, hein?!

— Prova de Matemática — tentei justificar.

— Ah, tá explicado.

Ja desviando de Pietro, quando ele me reteve de novo.

— Espera. Vim chamar você.

Não respondi, porém fiz cara de quem perguntava.

— Cris tá convocando os representantes pro sorteio do Festival de Literatura.

Segui Pietro. Ele não falou mais nada. Eu também já sabia qual era o porquê do sorteio. Foi aí que decidi me vingar da minha turma.

PIETRO

— **Confusão — disse para Bia** quando abri a porta da sala dos professores, para que ela entrasse primeiro.

E não tinha como pensar em uma palavra diferente quando Cris, de Português, uma semana atrás, anunciou que o Festival de Literatura deste ano iria homenagear William Shakespeare.

Logo em seguida, adivinhando o desejo de todos os meus colegas e como bom representante de turma — sou do 1º B —, me adiantei e avisei:

— *Romeu e Julieta* é nosso.

Porém, Cris não foi nada legal com a gente naquele dia:

— Vamos resolver isso democraticamente.

Quando entrei na sala dos professores, ao lado de Bia, já sabia que a palavra *democracia*, na realidade, significava sorteio.

No sofá, enquanto a professora dobrava uns papezinhos, Yasmin e Luca, representantes do C e do D, respectivamente, discutiam:

— Não abro mão — disse Luca. — Minha turma quer *Romeu e Julieta*, então eu quero *Romeu e Julieta*.

— Mas Luca, pra sua turma é melhor uma peça com muitos personagens. O pessoal gosta de participar desses negócios, não se fala de outra coisa desde o início do ano!

— Eles querem *Romeu e Julieta*, então eu quero *Romeu e Julieta*.

— Eu já tava pensando em fazer algo diferente, com um Romeu negro, discutindo questões étnicas, dar uma atualizada na história, colocando um olhar mais crítico.

Como vocês podem ver, Luca é diplomático, não quer briga com ninguém, e Yasmin é a engajada da escola.

— Quem vai fazer Romeu sou eu!

— É por isso que farei um sorteio, Pietro — recordou Cris, levantando-se e balançando os papéis dentro das mãos unidas.

— Quase excluí *Romeu e Julieta* do Festival. Shakespeare tem um montão de peças legais, e vocês só querem essa.

— Um evento sobre Shakespeare sem *Romeu e Julieta* não faz sentido — argumentei, defendendo a peça que eu tanto queria.

— Eis por que estamos aqui — reforçou Cris. — Vamos sortear quem vai ficar com a peça. Os demais fiquem à vontade para pesquisar outras histórias. Também posso indicar algumas opções.

— Minha turma pode escolher outra — disse Bia, que tinha ficado calada até o momento.

— Sério? — quis confirmar a professora.

— Sim, sem problemas.

— Então, tá.

Cris retirou um dos papezinhos.

— Apenas um tem o nome da peça. Os outros estão em branco.

Concordamos com as regras. Yasmin escolheu primeiro.

— Droga!

Luca, o segundo, e eu, o terceiro.

— *Yes!* — gritei antes que Luca terminasse de desdobrar a escolha dele.

Minha turma ficou com *Romeu e Julieta!* Eu seria Romeu! Pulei, abracei e beijei os outros representantes de turma.

Porém, o beijo que dei em Bia quase pegou na boca. Foi no cantinho. Um quarto de beijo. Ninguém percebeu. Só que fiquei diferente, querendo um beijo de verdade.

YASMIN

Confusos ficaram meus amigos com minhas ideias.

Sou muito acelerada, quero resolver tudo logo. Não é à toa que sou a representante da minha turma, o 1º ano D. Mas a maioria não acompanha meu ritmo, muito menos minhas ideias, principalmente nesses dias em que estou ainda mais ansiosa. No intervalo, já estava pensando no cenário, no figurino, no elenco, dando mil e uma sugestões... e olha que eu tinha lido apenas um resuminho da peça indicada por Cris.

Nessa hora, Diogo entrou, voltando da cantina.

— Diogo! Você vai ser nosso Otelo! — falei, esquecendo que acabara de combinar com as meninas que o ideal seria fazer um teste de elenco com quem quisesse participar da peça.

— Quem é esse?

— O mouro de Veneza. Um protagonista negro de Shakespeare.

— Não quero.

— Hã? — Não entendi. Diogo era perfeito para o papel. — Por quê?

— Se ele não fosse negro, duvido que vocês me considerariam para protagonista.

— Tenso — disse Mari, minha melhor amiga.

O clima na sala ficou ligeiramente estranho. Argumentei para Diogo:

— Não é bem assim. Pra mim, você é perfeito para o papel, assim como pra um Romeu, por exemplo, ou pra qualquer personagem. Aliás, minha ideia antes era fazer um *Romeu e Julieta* diferente, com um dos protagonistas negro. Já tinha comentado isso com você.

Diogo coçou a orelha, como se tivesse se lembrado.

— Tá bom, eu faço. Agora, só por causa de você, Yasmin.

— Valeu — agradei.

No fundo, concordei com Diogo. Dificilmente, nós, tanto ele quanto eu, que também sou negra, seríamos escolhidos para protagonistas se o personagem não estivesse sido especificado desse jeito na peça. Basta olhar para as novelas, os filmes, os livros... A vida ainda é assim, infelizmente. Ou melhor, as pessoas são assim. Cheias de preconceitos.

Nesse minuto, meu namorado apareceu na porta. Fui correndo dar um beijinho nele. Andrei, do terceiro ano. Após o beijo, observei que os olhos dele estavam fixos em Diogo.

— Já sortearam a peça? — perguntou Andrei.

— Já. Não ficamos com *Romeu e Julieta*.

— Falei que era melhor escolher logo outra.

— Eu queria fazer um *Romeu e Julieta* diferente.

— Por que essa insistência toda? Por acaso você queria ser a Julieta?

— Não, não. Prefiro ficar na direção. Mas, além de ser uma história conhecida, gostaria de ver Diogo como Romeu. Ele é muito desvolto.

— Hum... — fez meu namorado.

Quando ele fazia isso, eu sabia: estava com ciúmes. Preferi não contar que agora Diogo faria, também, um papel principal. Seria DR na certa. Mais uma. Bastava a que tivemos no sábado.

— A gente pode conversar um minuto?

A pergunta de Andrei me deu até dor de barriga. De novo. Como no final de semana e nas discussões mais recentes.

Só história triste ganhava, como a adaptação do conto “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis, que a própria turma de Tarcísio fez quando ele era do primeiro ano. Gravaram um vídeo na época, e, há umas semanas, Tiago mostrou. A apresentação foi emocionante mesmo. Durante os aplausos, quem filmou girou em trezentos e sessenta graus, mostrando todo o auditório comovido. E a gente, que assistiu no meio da barulheira do intervalo, também ficou.

Então, meio que a conversa sobre fazer ou não essa peça ficou por isso mesmo quando o sinal tocou, anunciando o fim do intervalo, e acabamos aceitando a ideia de encenar o tal Rei Leão do Shakespeare, como brincou Igor.

Apesar de quase discutir com Yasmin por conta de *Romeu e Julieta*, não estava muito preocupado com a peça que iríamos representar. Naquela manhã, minha preocupação era outra. A prova de seleção de monitoria, ao meio-dia.

O notebook de casa está com a bateria viciada, só funcionando na tomada, e ainda por cima muito lento, uma eternidade para abrir os programas. Sem falar o quanto trava. Eu tenho feito todos os trabalhos da escola pelo celular mesmo, o que é muito ruim: tela pequena e um malabarismo tremendo para não encher a memória.

Se eu fosse aprovado na seleção da monitoria para o Laboratório de Informática, passaria as tardes fazendo minhas coisas nos computadores recém-chegados e ganharia uma bolsa que ajudaria a comprar minhas coisinhas.

Em casa, tudo está meio difícil. No momento, minha mãe não trabalha fora, e o dinheiro que meu pai ganha mal dá para

— Sério que a gente vai ter que escolher outra peça? — quem soltou a pergunta foi Karol, com uma irritação na voz que funcionou feito bofetada na minha cara.

— Hum-hum... — eu me limitei a murmurar.

A impressão de que a qualquer momento o que eu havia feito seria descoberto e de que eu seria humilhada em seguida me invadia. Não conseguia encarar meus amigos nos olhos. Correção. Meus colegas de sala. Eles eram mais colegas que qualquer outra coisa. Apenas. Talvez eu não devesse me sentir tão culpada; entretanto, não conseguia deixar de me sentir assim. Por que fiz aquilo? Caramba! Como fui infantil! Custava ter participado do sorteio? Pegava o papel que tinha sobrado e pronto! O destino que resolvesse! Mas fui usar meu livre-arbítrio para complicar ainda mais a minha vida!

— Qual peça a gente vai fazer? — perguntou Toni.

— Melhor escolhermos a nossa logo para não pegarmos uma peça ruim — alertou Maria Cecília.

— O 1º C ficou com *Otelo, o mouro de Veneza*, e o 1º D talvez fique com *Rei Lear* — contei.

— Todo mundo já escolheu, e a gente vai decidir por último? — quis confirmar Karol.

— Só conheço *Romeu e Julieta*, e acho que a maioria dos professores também — argumentou Toni. — E eles são o júri. A gente tá perdido se não pegar uma peça legal.

— Os professores de Exatas não devem conhecer outra peça mesmo — disse Caetano.

— Também não exagera — tentei amenizar, mais para limpar a *minha* barra do que a dos professores.

PIETRO

— **Romeu e Julieta!** — comemorei assim que entrei na sala.

Foram gritos, aplausos, abraços, beijos e até um beliscão na minha bunda. Não identifiquei de quem era a mão, mas doeu.

Enquanto me recuperava, tocou o sinal, e Cris entrou na sala. A próxima aula era de Português, e ela não demorava um segundo para aparecer. Ao ver o pessoal vibrando, perguntou:

— O Festival já acabou, foi? Tão comemorando como se tivessem ganhado!

— A gente já ganhou! — exclamou Sofia. — A gente vai fazer *Romeu e Julieta!* — Ela pegou uma caneta e dramatizou: — Oh, Romeu, oh, Romeu! Que primeiro ano pode ser melhor que o meu? — Fingiu cravar a caneta no próprio coração.

— Vocês, sei não... — riu Cris. — Mas, vamos lá! Bom dia a todos! Todo mundo se sentando!

— Professora, deixa a gente discutir a peça, se organizar um pouco — pediu Caio. — A gente tem o quê?! Um mês pra peça? É pouco tempo!

— Se eu desse três meses para vocês, também seria pouco. Pensam que não sei que deixam tudo para a última hora?

Cris tinha razão. Adolescente funciona na base da pressão. Com a minha turma, não era diferente.

YASMIN

Queria conversar logo com o Andrei para que ele parasse com essa história de ciúme de Diogo. Nada a ver. Não existiam motivos para uma coisa dessas. Fui logo com ele para o baobá.

Aquela árvore era o local preferido de todos alunos. Ficava afastada da cantina e bem no meio do caminho entre a sala dos professores e as de aula, a uma distância perfeita para conversar sem que os adultos ficassem bisbilhotando. Sempre que alguém queria ficar um pouquinho mais fora de sala, ou melhor, demorar mais “no banheiro”, esse tempo era passado debaixo do baobá.

Árvore testemunha das nossas esperanças, dos nossos medos e dos nossos sonhos.

— Não tô gostando dessa história de Diogo pra cá, Diogo pra lá — disse Andrei em voz alta.

Fiquei com vergonha. Ainda bem que não tinha ninguém por perto naquele momento.

— Você tá com ciúmes — alertei. — Não faz o menor sentido.

— Não é você que vai ficar sendo zoada com essa história de peça. Já tô até vendo o pessoal cheio de gritinho e risadinha quando você subir no palco pra fazer par romântico com ele.

LUCA

Queria uma namorada. Mas, se fosse para ficar assim, com DR a toda hora, como Andrei e Yasmin, era melhor ficar sozinho mesmo. Já tenho problemas demais. Não vou meter mais uma pessoa nesse meu ninho de passarinho. Melhor, na minha casa de maribondo.

Naquele início de tarde, minha preocupação era a prova de monitoria. Eu tinha de passar. Primeiro, precisava da bolsa. Segundo, gostava de Informática, computadores, esse universo todo. Às vezes, a necessidade e os sonhos se juntam em um casamento perfeito.

Então, passei o fim de semana e a manhã inteira de segunda estudando. Nem prestei atenção na revisão que o professor de Matemática fez. A prova da minha turma era só na manhã seguinte, na terça. Mais tarde, pediria para alguém me mandar a foto do caderno no grupo. Antes a prioridade era focar a prova da monitoria.

A minha prova.

Mário, o professor de Informática, já aguardava os candidatos na porta do laboratório. Era hora do almoço, e a maioria dos alunos descia para ir embora. Eu não sentia fome. Queria fazer a prova. Tirar um dez. Ser aprovado na seleção.

BIA

A pior pessoa do mundo.

Era desse jeito que eu me sentia. Cheguei em casa e fui para a cozinha. Minha mãe costumava deixar meu almoço descongelando dentro da geladeira, e eu só precisava colocar no micro-ondas e comer. Só isso. Mas nem sede eu tinha. O que eu tinha era certeza de que nada desceria pela minha garganta.

Fui burra, isso sim. Querer me vingar da minha turma... Aliás, eles nem eram minha turma, muito longe de qualquer sinal de amizade. Que atitude mais infantil a minha!

Por isso, chorei. Chorei me sentindo a menina mais infeliz e solitária do mundo. Agradei por minha mãe ter emprego e não estar em casa, assim eu poderia chorar à vontade, sem precisar me explicar para ela. Respirei fundo. Não podia ficar desse jeito. Eu ainda tinha uma peça para ler, um roteiro para escrever.

Burra!

Isso é o que eu sou. Eu devia era deixar tudo para lá! Por que eu estava preocupada com a minha turma? *Minha* turma, que não tinha nada de minha. Eles que se virassem na apresentação, ficassem em último lugar, nem se

Eu me considerava um bom ator, menos para os meus pais, principalmente para a minha mãe. Não conseguia esconder as coisas dela. Nem sei como minha mãe descobre meu estado só de olhar para a minha cara.

— O Festival de Literatura tá chegando. Eu ia ser Romeu, mas inventaram de fazer um teste.

— Ah, filho, você deveria se preocupar em estudar para as provas. Esse festival é uma apresentação. Você tem que pensar é no Enem, no vestibular...

— Vale nota.

— Mesmo assim.

Taí.

Meus pais não reconheciam o valor da arte, nisso eu não tinha apoio nenhum em casa. Pelo meu pai, eu seria médico, advogado ou engenheiro.

Pela minha mãe, administrador de empresas ou professor estava valendo. O importante era fazer um curso superior e arranjar um emprego logo.

Porém, eu não queria nenhuma dessas opções. Queria fazer algo diferente.

Já pensou *eu* protagonista da *Malhação*?

Só que meus pais nunca aceitariam que eu fizesse um curso de Teatro. Eles dizem que não dá dinheiro, que não tem futuro.

Às vezes, eu suspeito que só os bons conseguem isso mesmo. Assim como passar em Medicina ou em Direito para uma universidade federal.

Coisa para Bia.

Pensei que ela ia dizer que todo casal briga, que isso é normal, essas coisas. Mas ela não acrescentou nada na conversa. Ficamos no “Hum...” mesmo, nada depois disso. Estranhei, mas também não comentei. Dentro de mim, porém, ficou ecoando um “Por quê?”.

— Eita! — falei, para mudar o assunto. — Esqueci de ver se na biblioteca tinha um livro para o Festival de Literatura.

— Qual?

— Será que a senhora não tem, vó? — perguntei, lembrando da estante de livros no quarto dela. Ela é professora aposentada de Educação Infantil.

— Qual? Você não disse o título.

— *Otelo...*

— *O mouro de Veneza!* — completou ela. — De William Shakespeare! Tenho, sim, li quando tinha a sua idade.

Entramos no quarto. Ela mexeu para cá e para lá.

— Cadê...? Será que caiu debaixo da estante? Abaixa aí, minha filha, que não tenho mais coluna, não.

— Acho que não. Passei a vassoura na casa. — Mesmo assim, me abaixei para conferir. Vergonha das vergonhas: encontrei o livro em capa dura, empoeirado, em um cantinho da parede.

— Tá varrendo bem a casa, viu, preguiçosa?!

— Me pediram pra passar a vassoura, não pra fazer faxina!
— tentei me defender.

— Sábado que vem, quem vai vir aqui passar pano é você, viu? Pra aprender a fazer o serviço direito — disse ela, mas com um sorriso no canto da boca.

Revirei os olhos, fingindo impaciência. Mudei de assunto:

dinheiro que não tinha, conversou, perdeu as contas de quantas segundas chances deu... E tome sofrimento e dor cabeça. Até que um dia, *aquele* dia, decidi deixar de mão para não adoecer. Se é que isso não aconteceu, pois ele descobriu que estava com pressão alta pouco depois.

Balancei a cabeça para não lembrar mais. Não adiantou muito. Duas palavras ressurgiram na minha mente. Quando ouço a expressão “relacionamento tóxico”, não penso de cara em namoro, penso em família e nesse meu ex-irmão, chamado Luan.

Vida que segue.

Luís, muito mais tranquilo, não dá preocupação para mim e volta e meia corre e vem me dar um abraço, daqueles bem apertados, no meu pescoço. Às vezes me machuca, às vezes me deixa sem ar. Mas é a intensidade do amor de Luís que me comove. Sou meio chorão, é fato.

Luís deu uma freada, levantando poeira na rua não asfaltada, e despertei dos meus pensamentos, como se tivesse escutado um despertador.

— Vem, Lu, tá na hora de entrar.

— Mas já?

— Bora, Lu. Tenho que fechar as portas e as janelas, senão a casa vai se encher de muriçoca.

Não sei qual é a explicação científica para isso, só sei que funciona. Se a gente fecha as janelas e as portas mais ou menos às cinco da tarde, por aí, quase não entra muriçoca em casa. Uma vez me esqueci, e elas atacaram meu rosto enquanto eu dormia. No dia seguinte, fui para a escola com a testa cheia de pintinhas.

Cada comentário era como um tapa. Cada frase machucava como uma pedrada. Me senti nua na quadra da escola, recebendo na cara uma balde de água fria com cubos de gelo.

Eu tinha gostado da peça, com toda a confusão dos casais jovens misturada com personagens fantásticos, em Atenas, na Grécia. A atmosfera de sonho, de romance e de humor. Se caprichássemos, seria uma apresentação bonita. Contudo, o trio à minha frente não estava nada empolgado e me desanimando por completo.

— Vocês querem mudar de peça? — perguntei.

— Acho que seria uma boa — disse Maria Cecília. — Tô achando essa peça muito confusa mesmo.

— Não tem uma que virou novela? A gente podia usar essa, acho que é *A megera domada* — disse Karol.

Aquele *acho* da Karol não me desceu. Ela não viria com um título assim sem ter pesquisado. Tinha a sensação de que tudo que escolhia ou fazia era ruim. Não reconhecia mais meus ex-amigos e nem tinha mais ideia de como podíamos nos acertar de novo. Estávamos descendo a ladeira da amizade abaixo, correndo e sem freio. O baque era certo.

— Se vocês quiserem, posso ver outra peça... — disse com vontade de chorar, mas me segurando para não deixar nenhuma lágrima rolar na frente deles. Pelo menos, esse gostinho de satisfação eu não daria.

— Era bom — confirmou Toni.

— Peraí, gente! — interveio Caetano. — A peça não tá pronta, né? A gente começa a ensaiar hoje à tarde. Gostei desse negócio de uma pessoa que gosta de outra, mas é apaixonada por outra, aí vem um ser mágico e *puft!*, pinga

Quem tem que decidir, é ela.

Eu já tinha ficado com Sofia na festa de São João da escola. Por mim, sem problemas. Só não sei se ela se sentiria à vontade...

— Pode ser sem beijo... — comecei a dizer, quando fui interrompido.

— Topo.

A turma inteira fez uma algazarra tremenda. Tive que intervir.

— Pessoal, pessoal! Tá tendo aula na outra sala. O professor vai vir aqui reclamar.

A turma se aquietou um pouco.

— Vamos logo ao teste — disse Vinícius. — Eu começo.

— Bora lá — comandou Sofia. — Cena da varanda.

Quando Vinícius iniciou a apresentação, tenho que admitir, que transformação! O cara nem parecia mais ele mesmo. Era outro! Um Romeu apaixonado. De verdade.

Aí, entendi o motivo de ele querer tanto o personagem. Ele está a fim de Sofia! Porém, ela não pareceu muito a fim dele, não. Os olhares não se conectaram. Na minha humilde opinião, faltou alguma coisa na cena. A *química* de que Caio falou.

Foi então que lembrei uma coisa, o beliscão que Vinícius deu na minha bunda.

Quando Cris trouxe *Shakespeare apaixonado* para a gente assistir, eu estava naquela conversa mole com Sofia, e ela me deu um beliscão durante o filme. Vinícius tinha visto, eu vi.

Porém, enquanto o dela foi uma mistura de carinho e safadeza, porque as meninas elogiam o tamanho da minha

— Olha, você tá deixando Mari mais tímida do que ela já é.
— Fiz uma massagem nos ombros dele enquanto o conduzia para a porta. — Com gente de outra sala aqui, ela não vai conseguir ensaiar. Se Mari precisa fazer, deixa ela sossegada...

— Quer dizer que você quer que eu vá embora?

O sentido daquelas palavras era bem outro, mas eu já estava me sentindo culpada demais por ter usado Mari como desculpa, quando, na verdade, quem queria que ele fosse embora era eu.

— Quero — disse.

— Então, tá. Depois não ache ruim se não me encontrar.

— E me deu as costas, indo embora sem nem um beijo.

BIA

Amigos.

Os livros, esses, sim, são meus verdadeiros amigos. Neles, passo os meus fins de semana amargos. São minha companhia silenciosa em uma casa de duas mulheres, minha mãe e eu. Ainda bem que na escola trocaram o Dia dos Pais pelo Dia da Família. O Dia das Mães, também. Melhor assim, nem todo mundo tem família de comercial de margarina. Se é que esse tipo ainda existe.

Quando fizemos uma visita técnica, é assim que se chama o nosso passeio pedagógico no Ensino Médio, e ajudei os professores a recolherem as autorizações e as cópias de identidade da turma, notei que, assim como eu, alguns não têm o nome do pai no documento. E tem vários com sobrenome Silva, iguaizinhos a mim. Não sei da história de cada um, sei apenas da minha, que escondi durante muito tempo e com muita vergonha.

Meu pai não me quis. Minha mãe, que conheceu ele no trabalho, acreditou na história dele, que estava saindo de um relacionamento e que ficaria com ela. Mentiras. Depois da notícia da gravidez, avisou que voltaria para o Sul e até sugeriu que ela me abortasse. Covarde. Mas eu era fruto de um amor. Minha mãe seguiu a vida sozinha. Outro dia, ela confessou

para entender porque ele pensava que uma mudança por outra pessoa não se sustentava. Interrompendo bruscamente meus pensamentos, ele pôs a mão dele sobre a minha.

— Não fica assim. Amigos e amores são que nem passarinho. Quando um voa para longe, outro pousa pertinho.

Me aproximei mais dela, colocando um braço sobre seus ombros e procurando o rosto dela para um beijo. Completo agora. Porém, assim que nossos lábios se tocaram, ouvimos:

— Vocês viram Andrei? Opa! Perdão!

Era Yasmin.